Pontuações Sobre a Construção da Feminilidade

Nidia Lucia C. Edler¹

Alguns fatores, em conjunto, me levaram à escrita desse texto: as leituras realizadas no cartel “A Mulher e o Desejo”, os filmes “Sonata de Outono” de Ingmar Bergman e “Cisne Negro” de Darren Aronofsky. Esses dois trazem à tona questões relacionadas ao tema que vimos estudando naquele, ou seja, a constituição do feminino. Algumas imagens ajudarão a pontuar algumas reflexões.

Em seu *Três Ensaio Sobre a Sexualidade* (1905), Freud já considera a mãe como primeiro objeto sexual para os dois sexos – o seio materno é paradigmático para todo vínculo de amor. Em *Algumas Consequências Psicológicas da Diferença Anatômica dos Sexos* (1925), aponta para a relação pré-edípica fundamental e exclusiva com a mãe. Aí também dirá sobre a menina ressentir-se da mãe “por tê-la trazido ao mundo tão pouco aparelhada”. Em *Sexualidade Feminina* (1931), diz que não é possível compreender uma mulher a não ser analisando sua relação com sua mãe.

Em “A feminilidade” (1932) Freud se refere ao *enigma da feminilidade* como algo insolucionável. Afirmava então que a mulher não é um ser dado desde o início. Ao contrário, é fruto de um trabalho árduo e contínuo. A feminilidade não nasce com a mulher; cabe à mulher tornar-se feminina. Constata que a feminilidade constitui-se a partir da fase pré-edípica e na fase edípica entre pai e mãe. Nesse processo, o papel da relação entre mãe e filha é de fundamental importância.

Quando Freud introduz a teoria da *primazia do falo*, a falta da mulher passa a ser pensada em termos da dimensão simbólica. Pelo fato do inconsciente reconhecer apenas um significante masculino - o falo – caberá a mulher buscar um substituto fálico para a falta de um significante especificamente feminino. Assim, toda criança gerada é o falo para sua mãe. A criança, por sua vez, tenta corresponder *sendo* o que falta à mãe. Ao renunciar à satisfação ativa dirigida a mãe, a menina volta-se para seu pai ao mesmo tempo que afasta-se da mãe para poder deixá-la. É nesse contexto que Lacan se refere à *devastação* por que pode passar uma filha quando a relação com sua mãe é muito intensa.

Para a menina, a figura materna aponta duas diferentes funções, ou seja, a materna e a feminina. Malvine Zalberg (2003) cita *a catástrofe* mencionada por Freud e *a devastação* por Lacan para falar sobre o que ocorre frequentemente na relação mãe-filha quando aquela não se dá conta da existência dessas duas dimensões que ela representa para a filha e não consegue sustentá-las.

Lacan se remete à *devastação* ao comentar sobre o lugar que as falhas da mãe podem assumir no inconsciente – especialmente quando se trata da filha. Diz ele em “*O Aturdido*” que “... a elucubração freudiana do Complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida, contrasta dolorosamente com a realidade da devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai...”.

Em “A lei da Mãe”, Geneviève Morel afirma que esta “... é feita de palavras enodadas ao prazer e ao sofrimento, ou seja, ao gozo materno, que são transmitidas à criança desde a sua mais tenra idade e se imprimem para sempre a seu inconsciente,

---

¹ Participante da Escola Letra Freudiana.

modelando fantasmas e sintomas. A autora se remete aos equívocos de “alíngua” que constituem esta lei e que por sua vez representam a matéria prima do sintoma. Morel defende a idéia de que a criança deve se separar daquilo que se impõe com a força de uma lei “singular e louca” para que não permaneça “assujeitada” ao gozo materno, o que se constituiria numa “patologia gravíssima da lei”. No entanto, “o sintoma que nos separa dela é uma outra patologia, mas necessária e inevitável”. Às palavras que o sujeito “bebeu com o leite materno” (lalangue) e que se increveram para fabricar um sintoma, Morel chama de *legiferantes* e que nada mais são que o imperativo categórico: goze!

Cabe ao pai intervir na estreita ligação que une mãe e criança criando uma interdição e abrindo espaço para a constituição da *metáfora paterna* que permitirá à criança constituir seu próprio desejo. A metáfora paterna deve então corrigir os “efeitos devastadores” causados pela intrusão das palavras legiferantes.

Para a menina, a relação com o pai possibilita-lhe estruturar-se enquanto sujeito e produz uma identificação masculina, mas falta-lhe a feminina. Além da falta-a-ser que a constitui como sujeito a menina deve também confrontar-se com a falta de um significante específico de seu sexo.

Zalberg (2003) dirá que a mulher, mais que o homem, terá dificuldade para aceitar a falta do Outro materno. A desapareição do Outro coloca por terra a esperança de encontrar alguém que lhe dê o que lhe falta, um complemento para seu ser. A menina teme perder a mãe, pois isso seria como perder tudo ou se perder. “Satisfazer a mãe ao nível da demanda pode ser gratificante para uma filha mas a deixa presa a uma busca de reeditar a condição de ser o objeto de amor do outro. Isso trará, ao processo de separação, uma maior dificuldade, o mesmo ocorrendo com sua possibilidade de ser mulher e mãe”(p.79).

A forma que a criança tem de sair da posição passiva em relação ao Outro materno é impor-lhe uma falta, falta esta que é sua própria morte. E isso nos remete ao filme “O Cisne Negro” cujo desfecho se dá com a coincidência da morte da personagem e da bailarina num ato que esta chama de “perfeito”.

O filme pode ser pensado como um processo de feminização da bailarina. Nina vive com sua mãe que afirma ter desistido da própria brilhante carreira de bailarina para tê-la e criá-la. Tecnicamente perfeita para o papel de Cisne Branco, tem, porém, imensa dificuldade em construir o papel de Cisne Negro que requer uma mulher e não uma menina. No entanto, Nina não consegue sair do lugar de “menina boazinha” que sua mãe lhe impõe. É uma marca que ela volta a sustentar cada vez que sua mãe parece decepcionar-se com ela. O processo de construção do personagem em sua vertente Cisne Negro vai se dando na medida em que Nina vai tentando separar-se da mãe impondo-lhe limites no controle de sua vida ao mesmo tempo em que desponta sua sexualidade. A marca da *devastação* está presente na relação mãe-filha e tem em seu final trágico uma passagem ao ato que aponta para a urgência de Nina em impor uma falta à mãe. Como se trata de um filme e não de um caso clínico, o mais seria elucubração.

Ao tratar do encontro, após alguns anos, entre mãe e filha em Sonata de Outono, Bergman também conta uma história marcada pela devastação e a dor provocada pelo desencontro que caracteriza as relações humanas. Eva, em seu semblante assexuado e infantilizado, remoi a queixa de não ter sido amada e cuidada pela mãe que com sua beleza e sucesso profissional não conseguiu assumir seu lugar de mãe frente às filhas que mendigavam seu amor.

Cabe observar que na medida em que o cartel avançou através das leituras, o próprio título por nós escolhido referindo-se à Mulher foi rediscutido em relação a sua

apropriação na medida em que verificamos que não há *a mulher*, mas tão somente *as mulheres*, pensadas uma a uma, que constroem em seu percurso singular respostas para a eterna questão sobre o que é uma mulher.